

## AS ARMADILHAS DO CONTRA

### THE PITFALLS OF BEING CONTRARY

Salete de Almeida Cara\*

#### RESUMO

A atualidade do pensamento crítico de Antonio Candido, que vincula a constituição e impasses das formas literárias às suas condições objetivas, é apanhada aqui pela leitura de “O tempo do contra” (1979) e “A nova narrativa” (1979), pela referência a “Radicalismos” (1988) e “Realidade e realismo via Marcel Proust” (1983).

**Palavras chave:** forma literária, experiência, atualidade crítica.

**ABSTRACT:** The current relevance of Antonio Candido’s critical thinking, which links the constitution and the impasses of the literary form to their objective conditions, is caught herein through the reading of “O tempo do contra” (1978), “A nova narrativa” (1979), through the references to “Radicalismos” (1988) and “Realidade e realismo via Marcel Proust” (1983).

**KEYWORDS:** literary form, experience, currently relevant criticism.

Em “Realidade e realismo via Marcel Proust”, de 1983, Antonio Candido tratou da “teoria não realista da realidade” de Proust a partir do pastiche dos irmãos Goncourt, em *Le temps retrouvé* (último volume de *À la recherche du temps perdu*), onde a “generalidade do significado”, que é histórico, se dá, no texto ficcional, por meio do “registro das alterações trazidas ao pormenor pelo tempo”, que o especifica e o transfigura. A questão decisiva posta pelo pastiche proustiano tem a ver com um projeto ficcional de representação literária não mimética. Mas o que interessa aqui, mais do que a polêmica do escritor com o realismo e o naturalismo como escola e, particularmente, com o descritivismo dos irmãos Goncourt, é a apreensão do movimento que vai armando o pensamento crítico de Antonio Candido. Se for possível uma aproximação entre discurso ficcional e crítico, trata-se de sublinhar de que modo, e com quais resultados, a leitura formal de Antonio Candido acumulou dialeticamente (e, portanto, conservando e transformando) uma reflexão sobre as relações entre as obras literárias e suas condições objetivas “na dimensão do tempo”. O que é possível depreender da entrevista que concedeu à revista *Trans/Form/Ação*, em 1979, reproduzida em *Brigada Ligeira* e outros escritos. Evitando identificar uma “linha teórica básica” no seu trabalho, preferiu expor o modo como se conformou, ao longo do tempo, sua “atividade de estudioso da literatura”.

Segundo o crítico, ela teria passado de uma primeira “busca de condicionamentos, para ser mais exato, a busca de causas” - uma “visão positivista da cultura, que era também a do marxismo reinantes por aqui”, no decênio de 1940 - para um segundo momento marcado pelo interesse na questão da funcionalidade, no qual reconhece a influência da Antropologia Social e do *new criticism* norte americano. Naquele momento, uma funcionalidade

---

\* Salete de Almeida Cara é professora livre docente na Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa o Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. saletecara@uol.com.br

“não apenas com a seqüência temporal dos eventos ou das obras e seu encadeamento; não com o seu condicionamento – mas com a pertinência dos traços de um determinado sistema. Isto se reflete na minha tese sociológica *Os parceiros do Rio Bonito* (1954) e em *Formação da Literatura Brasileira*, publicado em 1959”.<sup>1</sup>

Um terceiro momento, a partir dos anos de 1950, mas formulado explicitamente em 1961, no II Congresso de Crítica e História em Assis, dá lugar ao interesse pelo processo de estruturação,

“não pela estrutura propriamente dita; mas pela estruturação, isto é, o processo por meio do qual o que era condicionante se torna elemento pertinente. A preocupação não é mais tanto o condicionamento quanto o próprio sistema. Não o sistema isolado, tomado em si, mas na medida em que é uma fórmula através da qual o externo se torna interno. O interesse pela funcionalidade leva ao interesse pela estrutura, num sentido diferente dos estruturalistas, pois o que se indaga é como a estrutura se estrutura.”<sup>2</sup>

Por ocasião de uma homenagem a Antonio Candido, que recebia título *doutor honoris causa* na Unicamp, Roberto Schwarz, referindo-se à segunda etapa sugerida pelo próprio crítico, observou a inflexão nova que, em *Os parceiros do Rio Bonito*, “um dos livros obrigatório da sociologia brasileira”, escolheu como objeto de estudo uma parcela injustiçada do nosso mundo, o caipira, examinando-a com a medida habitualmente conferida à classe social dominante. A partir da virada anotada por Schwarz, é possível observar que, no campo dos estudos sociológicos e antropológicos, já estava posto o interesse por um processo de estruturação, que seria fundamental no âmbito dos seus estudos literários.<sup>3</sup>

Nesse sentido, o texto sobre Proust, onde o crítico aborda a questão do realismo e da representação mimética, marca mais uma vez sua posição particular e de largo fôlego, com raízes decisivas nos trabalhos realizados sobre a literatura brasileira. Assinale-se que o narrador proustiano busca uma “visão unificadora” e não um registro documentário, como é o caso dos *Goncourt* do pastiche. Uma visão capaz de dar a ver “a razão oculta sob a aparência dos fatos narrados ou das coisas descritas” em suas permanências e transformações no tempo, a fim de alcançar um “grau de generalidade”, que “define a permanência (relativa) da estrutura sob o processo que a constitui”.<sup>4</sup>

“O uso do pormenor tem uma função referencial e uma função estrutural. A primeira consiste em reforçar a aparência de realidade (verossimilhança) e, portanto, dar credibilidade à existência do objeto ficcional - como quando se descreve a verruga no nariz de um personagem ou as coisas que desfilam na sua mente. A segunda resulta do arranjo e qualificação dos elementos particulares que, no texto, garantem a formação do seu sentido específico e a adequação recíproca das partes (coerência). No Realismo ambas estão correlacionadas de maneira indissolúvel, pois a eficiência de uma depende da eficiência da outra. (...) Mas a visão realista só se completa graças ao registro das alterações trazidas ao pormenor pelo tempo, que pode ir de algumas horas até um século - e ao introduzir a duração introduz a história no cerne da representação da realidade.”<sup>5</sup>

Assinale-se ainda que, na entrevista já mencionada, Antonio Candido comenta que a obsessão contemporânea do marxismo e da psicanálise pelas “camadas ocultas de sentido” (que vem do século XVIII, como aponta Arnold Hauser) é contrabalançada no campo da crítica literária. Aqui é preciso reconhecer a historicidade das próprias leituras (“hoje não podemos ler Balzac com os contemporâneos”) e o fato de que “na literatura as formas ‘significam’ de modo total”, e desse modo remetem a “significados não aparentes”. Posição que também esclarece seu interesse pelo modo como a estrutura se estrutura.<sup>6</sup>

“Aliás, a obra de Proust delinea uma teoria que pressupõe nesta o tratamento da estrutura e do

<sup>1</sup>Cf. Antonio Candido, “Entrevista”, in *Brigada Ligeira e outros escritos*. São Paulo: Editora da UNESP 1992, p. 232

<sup>2</sup>Cf. “Entrevista”, in *ob. cit.*, p.233.

<sup>3</sup>Cf. Roberto Schwarz, “Saudação *honoris causa*”, in *Seqüências Brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 14

<sup>4</sup>Cf. “Realismo e realidade via Marcel Proust”, in *ob. cit.*, p. 141.

<sup>5</sup>“Realismo e realidade via Marcel Proust”, in *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004, 3ª edição, p.136.

processo, ou, nos termos da presente discussão, do pormenor integrado em configurações expressivas, e sua alteração no tempo como lei do significado. Resulta um paradoxo aparente, pois ele descreve a mudança incessante de seres, relações e coisas no fluxo temporal, mas encontra o significado nas permanências que essa mudança revela – o que vem definido no citado volume final do *Em busca do tempo perdido*, carregado de teoria da arte e da literatura.”<sup>7</sup>

Talvez não seja de todo um despropósito sugerir que o olhar crítico de Antonio Candido, desafiado, sobretudo, mas não apenas, pelos objetos literários brasileiros, se move à maneira de um duplo de narrador ficcional. A favor dessa sugestão um tanto intempestiva estaria, no âmbito da especificidade do discurso crítico, a consideração de que a interpretação de um texto literário só pode chegar a “significados não aparentes” (aos quais, todavia, o texto remete), a partir do trabalho das formas, que deve ser descrito e organizado em análise, já que, como se viu acima, são as formas que “significam” de modo total”. Além do que, como deixa claro em outro momento da mesma entrevista, e tal como procedeu em seus próprios textos críticos, a tarefa de descrição e análise implica uma investigação do processo social estruturador das formas analisadas (estruturas literárias).<sup>8</sup> Nos termos de Adorno, implica, portanto, a mediação do próprio material conformando, na obra, conteúdo da experiência e conteúdo histórico formalizado. Nos termos de Antonio Candido, nessa investigação também estava em jogo a tradição radical possível (e precária) da literatura e da crítica brasileira.

Na mesma entrevista, ao responder sobre o “estatuto científico” da Teoria Literária, e antes de reafirmar que “é melhor sempre partir das formas, porque delas é possível chegar ao que a literatura é como conhecimento”, diz:

“(…) não sou teórico da literatura, mas um crítico literário que ensina Teoria. Por isso, tendo a ver esta como auxiliar da crítica; quase como uma teoria da análise”.<sup>9</sup>

Correndo o risco de alargar demais este texto sobre as armadilhas do contra, apontadas por Antonio Candido numa leitura rigorosa e dialética das formas, como se verá, faço um desdobramento (não necessariamente um desvio) que também esclarece o pensamento crítico de Antonio Candido, e diz respeito ao que considerava ser sua atividade maior, a de professor. No exercício de uma aposta formativa no sentido forte, seu foco no comparativismo literário incluía a historicidade das próprias teorias e exigia uma reflexão sobre seus propósitos e alcances - tópico trabalhado coletivamente com os orientandos e alunos. Sem tolher, todavia, a realização da “personalidade dos estudantes e jovens professores” e sem “limitar a sua liberdade de opção e manifestação”, na contramão dos resultados nefastos da situação repressiva do tempo, que, justamente por ser repressiva, estimulava a intolerância e a “mutilações do pensamento”, como se lê na entrevista de 1976.

Na sua aposta formativa, via-se uma batuta respeitosa dos ritmos individuais, inevitavelmente atordoados sob o peso das modas teóricas prestigiosas do momento, que reverberavam nos impasses de posições políticas e ecoavam até nos festivais da canção, já comodamente instalados no universo do consumo. De fato, nos seminários com os orientandos, as teorias críticas mais em voga também eram

---

<sup>6</sup>Cr. “Entrevista”, in ob. cit., p. 242

<sup>7</sup>Cf. “Realismo e realidade via Marcel Proust”, in ob. cit., p 137- 138.

<sup>8</sup>Cf. Roberto Schwarz, “Pressupostos, salvo engano, da ‘Dialética da malandragem’”, in *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1997; “Adequação nacional e originalidade crítica”, in *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>9</sup>Cf. “Entrevista”, in ob. cit.p, 240

\*

tratadas em leituras rigorosas, nas apresentações individuais e discussões de grupo, mas sempre postas ao lado de textos de extrações diversas, nacionais e estrangeiros, prá quem pudesse tirar dessas relações o que fosse capaz no momento, ou mais tarde na vida.

Não cabia qualquer tutela de esquemas teóricos e métodos críticos com pretensão de brilhar por si mesmos, descolados dos problemas do chão prático, expostos na forma literária. Por isso não cabia a exposição de um “método crítico” do próprio Antonio Candido, que, em separado, não faria sentido para um intelectual com agudo senso do real e das contradições em processo.

Olhando de hoje, fica como exemplo sua sugestão de um projeto comum de pesquisa (como sempre, para quem quisesse embarcar no projeto), centrado em escritores e críticos do período denominado, com ressalvas, pré modernismo, que, decerto, tinha o intuito de examinar os sentidos históricos e estéticos dos próprios materiais críticos e ficcionais, abrindo a possibilidade de interrogar, no fio do tempo, a experiência, as idéias e as formas nas suas relações com os modelos europeus. Afinal, é o que ele estava fazendo em ensaios decisivos como “Dialética da malandragem” e “De cortiço a cortiço”, escritos nos anos de 1970, sendo que a última versão da análise de Aluisio Azevedo data de 1991.

Para suas reflexões críticas contava o que permanecia nas transformações, contavam as acumulações retomadas e malogradas, os avanços que carregam retrocessos, os lados sombreados e incompletos de uma “cultura reflexa” em busca de autonomia, notadamente em país de herança colonial e escravocrata. Interessado na particularidade de figurações ancoradas numa partilha com conteúdos e formas européias, ele apreende, por um viés que exigia a imaginação crítica, o teor de verdade dos textos e de suas condições objetivas.

Nesse passo, vale apontar a convergência entre Antonio Candido e Sérgio Buarque de Holanda, tal como se pode ver explicitada na introdução que escreveu ao livro *Capítulos de Literatura Colonial* de Sérgio, publicado em 1991, cujos originais inacabados e manuscritos, escritos entre 1940 e 1950, Antonio Candido preparou e editou. Os termos dessa convergência estão no propósito comum de não procurar um universalismo sem diferenças, nem transformar o “fator nacional” numa busca de essencialidades não mediadas.

Na introdução ao livro, Antonio Candido destaca o gesto crítico de Sérgio que, conferindo historicidade aos conceitos, teve como resultado “desencorajar os caçadores de prés e pós no estudo das fases literárias”. E assinala o “golpe de misericórdia em certo nacionalismo estratégico que a nossa crítica adotou em função da Independência e como complemento dela, e do qual não nos desprendemos inteiramente”.<sup>10</sup>

Para Sergio Buarque, as convenções do arcadismo eram também materiais que estimularam aqueles que se sentiam “desterrados na sua terra”, e cuja “rusticidade galante e polida” estava tão longe da nossa rusticidade quanto das sociedades mais cultas. O que punha em questão, segundo Antonio Candido, o papel da “representação intelectual mediadora” no “jogo indissolúvel da semelhança e da diferença como peculiar ao processo histórico das literaturas”.<sup>11</sup>

Também a acumulação interna da nossa formação literária entre 1750 e 1880, estudada em *Formação da literatura brasileira*, estava ligada, em cada autor e em cada obra analisados, a um processo

---

<sup>10</sup>Cf. Sergio Buarque de Holanda, *Capítulos de Literatura Colonial*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991, p.20

<sup>11</sup>Cf. *Capítulos de Literatura colonial*, ob. cit., p. 225- 23

\*

histórico e literário que se equilibrava entre condições locais e condições do modelo europeu. Daí a inversão que operou na leitura canônica que congelava, em oposição, um arcadismo alienador e artificial e um romantismo nacionalista de cor local.

De modo que aquela etapa da formação, cumprida nos anos de 1880, deixava aberta em processo uma reflexão sobre a marcha posterior da nossa literatura de elite e público restrito, que Antonio Candido levou a cabo em ensaios posteriores. Retomando o fio: que impasses permaneceriam nas transformações da constituição das formas literárias brasileiras, tomadas como conteúdos históricos da experiência (e não apenas local)? Em ambos os críticos, cada um a seu modo, é possível identificar uma posição do contra, para retomar a fala “O tempo do contra”, de 1978.

Nessa fala proferida nos anos ditatoriais do “capitalismo da era dos monopólios”, Antonio Candido aposta nas posições “do contra”, constatando nossa “tendência de ser muito a favor”, com “momentos do contra muito temperados”. E quanto à literatura, observa que “aquilo que há de mais fecundo no nosso tempo consiste numa rebelião contra as tradições da representação mimética do mundo e contra o discurso inserido numa seqüência temporal definida”. Valorizando a “atitude permanente e fecunda de oposição, de transformação, de insatisfação e de experimentação constante”, perguntava, todavia, se já estaríamos prontos para nos livrar de uma “cultura alternativa do contra misturada com a favor”. Frente às condições daquele momento, afirma, então, ser “pessimista a prazo curto” e otimista a longo prazo.<sup>12</sup>

No entanto, seu “optimismo” (como costumava dizer) nada tinha de edificante, na medida justa de quem nunca perdeu de vista a sociedade que mantinha (e mantém) a brutalidade de sua desigualdade social de nascença, com surtos de promessas de superação. Uma mescla de lucidez e negatividade, que é preciso especificar.

Vou seguir duas de suas pistas e tomar como exemplo o texto “A nova narrativa”, de 1979. A primeira pista, tirada de “Literatura de dois gumes”, de 1966, traz a proposta que funda seu trabalho crítico: o juízo sobre o valor de conhecimento de uma forma literária depende de reconhecer que “as sugestões e influências do meio se incorporam à estrutura da obra”.<sup>13</sup> A segunda pista vem de “Radicalismos”, texto de 1988, que não trata diretamente de literatura: em “sociedades conservadoras como a nossa”, interessa mapear as “tradições radicais” precárias, por vezes oportunistas, mas mesmo assim necessárias, geradas na classe média e “como desvio ocasional das classes dominantes”, nos seus “setores esclarecidos”.

“Pode-se chamar de radicalismo, no Brasil, o conjunto de idéias e atitudes, formando contrapeso ao movimento conservador que sempre dominou. Este conjunto é devido a alguns autores isolados que não se integram em sistemas, pois aqui nunca floresceu em escala apreciável um corpo próprio de doutrina politicamente avançada, ao contrário do que se deu em países como o Uruguai, o Peru, o México e Cuba.”<sup>14</sup>

Nessas circunstâncias, como entender os impasses de uma literatura do contra, que é parte dos conteúdos históricos e assuntos que se dispõe a tratar criticamente? De que modos isso se dá? No ensaio

<sup>12</sup>Cf. Antonio Candido, “O tempo do contra”, in Textos de intervenção, seleção, apresentação e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Livraria Duas Cidades / Editora 34. 2002, p. 371-374-375

<sup>13</sup>Cf. Antonio Candido, “Literatura de dois gumes”, in A educação pela noite. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 5ª edição revista pelo autor, 2006, p. 197.

<sup>14</sup>Cf. Antonio Candido, “Radicalismos”, in Vários escritos. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995, 3ª edição, p. 266.

\*

sobre Proust, de 1983, como se viu, ele irá retomar o problema das possibilidades de uma configuração formal do realismo literário, assunto que tinha tratado ao ler a produção brasileira dos anos de 1960-1970.

“Quando os três [o pormenor, sua especificação e mudança] formam uma combinação adequada, não importa que o registro seja do interior ou do exterior do homem; que o autor seja idealista ou materialista. O resultado é uma visão construída que pode não ser realista no sentido das correntes literárias, mas é real no sentido mais alto, como acontece na obra de Proust, que negava qualquer sentido realista à chuva de pormenores formada pelo seu grande livro.”<sup>15</sup>

As perguntas acima levam, portanto, à “A nova narrativa”, texto escrito um ano depois de “O tempo do contra” e apresentado num encontro em Washington sobre a nova ficção latino-americana (lido na ocasião por Roberto Schwarz). Para tratar da prosa brasileira dos anos de 1960-70, Antonio Candido monta um amplo painel das nossas particularidades. E, a rigor, as examina como etapa da reflexão aberta pelo livro clássico de 1959, nas relações entre processo social e missão do homem culto brasileiro, lembrando que “o regional, o pitoresco campestre, o peculiar” desde cedo conviveu entre nós com “certa opção estética pelas formas urbanas, universalizantes”, que correspondiam “à força histórica da unificação política”.

Na contramão de uma confiança progressista burguesa, descreve o processo industrializante no continente sul americano como “urbanização acelerada e desumana”, segregação dos pobres, “transformação das populações rurais em massas miseráveis e marginalizadas”, “neurose do consumo”, “capitalismo predatório” e “governos militares ou militarizados”, que atendem “interesses internacionais ou das classes dominantes locais”. Nessas condições, nem sempre a contribuição ideológica, em alta na virada dos anos de 1930 e 1940, veio acompanhada de uma reflexão sobre os sentidos da “contribuição formal”.<sup>16</sup>

Na tradição da prosa brasileira, como retoma em “A nova narrativa”, as relações entre narrador e matéria resultaram do “desejo de preservar a distância social”, em razão da “instabilidade das camadas sociais e da degradação do trabalho escravo”, e a despeito de qualquer “simpatia literária” que porventura houvesse por parte do escritor. Distância marcada quer pelo recurso ao uso da linguagem culta no discurso indireto e linguagem popular no discurso direto, quer pela “prudente fusão” entre narrador e personagem no indireto livre, quer pela superioridade e paternalismo da terceira pessoa.

Chegando aos anos de repressão militar, de revolta e inconformismo, de “vanguarda estética e amargura política”, observa que, enquanto na Metrópole (americana) o “espetáculo de uma violência ficcional correspondente à violência real” ia sendo exposto por novas técnicas do romance, pela poesia de revolta e pelas novas mídias, também por aqui há uma “verdadeira legitimação das pluralidades” e linguagens diversas. Nesse âmbito assoma uma literatura do contra: “contra a escrita elegante”, “contra a convenção realista baseada na verossimilhança” (tendência latino americana), “contra a lógica narrativa”, “contra a ordem social”, numa “linha experimental e renovadora”, que por vezes busca o coloquial.

Agora, no entanto, uma narrativa em primeira pessoa, “espécie de discurso direto permanente e desconvenionalizado”, deseja “apagar as distâncias sociais identificando-se com a matéria popular”, “confundir autor e personagem”, sem distanciamento, numa “prosa aderente a todos os níveis de realidade”.

---

<sup>15</sup>Cf. Antonio Candido, “Realidade e realismo via Marcel Proust”, in ob. cit., p. 137.

<sup>16</sup>Cf. Antonio Candido, “A nova narrativa”, in A educação pela noite. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, 5ª edição revista pelo autor, p. 246-243.

\*

“É possível enquadrar nesta ordem de idéias o que denominei ‘realismo feroz’, se lembrarmos que, além disso, ele corresponde á era da violência urbana em todos os níveis de comportamento. (...) A brutalidade da situação é transmitida pela brutalidade do seu agente (personagem), ao qual se identifica a voz narrativa”, que “descarta qualquer interrupção ou contraste crítico entre narrador e matéria narrada”.<sup>17</sup>

Mas há um risco a assinalar em procedimentos que inovam com o intuito de apresentar “temas, situações e modos de falar do marginal, da prostituta, do inculto da cidade”. É que a inovação, comprometida com a “legitimação da pluralidade” de gêneros, experimentação e “recursos espetaculares” como regra, pode dar em mera solução técnica, em pitoresco e exotismo, com “ clichês aguados” e estereotípias, “como atrativo” para um público de classe média. Além do que, fica posta em questão a dificuldade de juízo crítico diante dos efeitos de impacto e choque, do caráter provisório de uma leitura que não chama à reflexão.

Assim, se o teor de verdade de uma obra é exposto pela costura de procedimentos e conteúdo do tempo, os mesmos textos que pretendem dar voz aos marginalizados podem mostrar insuficiência formal. Anote-se, com dado decisivo do ensaio, que os impasses do narrador e os limites da ambição criadora são da própria matéria social, que os inclui como sintomas de uma distância social efetiva e de uma segregação constitutiva, numa vida social dessolidarizada. “Seria um acaso? Ou seria um aviso?” pergunta o crítico.<sup>18</sup>

Cabe a nós tentar responder, a partir do nosso presente, quais são hoje as condições objetivas da produção literária e também da produção crítica. O que vem dizendo as formas estéticas e quais podem ser os sentidos da negatividade de uma literatura do contra? Como avaliar as tensões e contradições das formas e as relações, nem sempre coincidentes, entre valor estético e valor social? Ou, para retomar a pergunta à qual Antonio Candido respondeu, lendo a prosa dos anos ditatoriais e sugerindo que a ambição criativa se encolhia na medida mesma em que apenas reproduzia as regras (formais inclusive) em alta naquele momento: como estão sendo representadas literariamente hoje as armadilhas do contra?

Para seguir a lição de Antonio Candido, são as análises formais que poderão mostrar os impasses da literatura atual. Para tanto, será preciso indagar e procurar responder a quantas andam nossas “tradições radicais” precárias, por vezes oportunistas, quando as regras não põem em questão, no estágio atual da racionalidade moderna, o nexa entre o lugar da cultura e, mais especificamente, da produção literária e da produção crítica que se fazem no interior dessas mesmas regras.

Parece não caber mais perguntar, como pede a dialética, onde estamos nem que horas são, quando a espoliação mais moderna (e primitiva) adquire formas agudas - mercantilização do trabalho, do dinheiro e da terra, no campo e na cidade – e promete “inclusão”, nesses termos. Pelas regras deste mundo, vida pública e vida privada se confinam num presente que toma o passado como medida retórica, girando em falso sem ser posto efetivamente à prova pelas relações entre produção e trabalho.

Afinal, em tempos ditos e tidos como pós nacionais, o dado particular se esfuma com gosto e, com o perdão da má tirada, fazemos boa figura no moderno panorama mundial de horror cotidiano, engatados numa tradição social sinistra, que o agudo senso histórico materialista de Antonio Candido

<sup>17</sup>Cf. “A nova narrativa”, in ob. cit., p. 257.

<sup>18</sup>Cf. “A nova narrativa”, in ob. cit. p. 257-250- 260

\*

desde sempre tomou como pressuposto crítico dos seus juízos estéticos. Neste mundo, a posição “do contra” talvez esteja condenada a ser também “a favor”, ambas fixadas numa conjunção perversa que, ao contrário do que Antonio Candido disse naquela fala dos anos de 1978, pede pessimismo a longo prazo. Esse é o ponto. A atualidade de Antonio Candido ainda nos desafia.

**Recebido em: 17/09/2017**

**Aceito para publicação em: 14/12/2017**

\*